

## Morte: o que é? Uma análise filosófica!

por Paulo Faitanin - UFF



A Morte

**1. O fato:** A morte é a única irremediável e irrepetível experiência [à exceção dos casos dos que ressuscitaram após a morte, como se atestam no contexto bíblico] de privação da vida, cuja testemunha seremos só nós mesmos. Algumas reportagens têm trazido relatos de pessoas que voltaram da morte. Segundo tais matérias a ciência finalmente começa a desvendar as experiências de quase-morte e a compreender o que acontece quando a vida termina [*Super Interessante*, Edição 221 - Dezembro/2005, pp. 48-55].

**2. A definição médica:** A medicina oferece as seguintes definições de morte: (1) geral: cessação completa e definitiva da vida, seguida da desorganização das estruturas orgânicas e celulares, com extinção das funções neuropsíquicas; (2) em patologia: estado irreversível caracterizado pela abolição da consciência, completo relaxamento muscular, ausência de movimentos respiratórios e de batimentos cardíacos. [Luís Rey, *Dicionário de Termos Técnicos de Medicina e Saúde*. 2a. Edição: Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003, p. 599].

**3. Experiência de morte?** Diz-se experiência de quase-morte a dos que estiveram na 'linha tênue', da fronteira entre a vida e a morte, mas voltaram ['Eles voltaram da morte', em *Super Interessante*, Edição 216 - Agosto de 2005, pp. 48-55]. Em geral, descrevem este retorno à vida como uma necessidade de cumprir algo que deixaram inacabado. Argumento muito frágil, pois se assim fosse, não haveria vida suficiente que desse conta de todas as possíveis realizações humanas que nesta vida nunca conseguiremos alcançar. Questão de justiça? *Justiça de quem?* O homem não é possuidor da vida pelos méritos ou deméritos que possui, porque a vida é um dom de Deus dado por amor ao homem independente dos méritos ou deméritos que possua; se fosse assim, a contar pelo demérito Hitler jamais teria existido; portanto, ninguém pode reclamar junto a Deus por justiça, caso venha a perder sua vida, pois quem a deu é quem a tira, e se a tira, a tira em justiça.

**4. Poderá a ciência cessar a morte?** Há culturas que não aceitam a morte. Os egípcios a tomavam como passagem, com breve retorno. Isso fazia com que os que podiam, conservassem seus corpos [mumificação] e os seus bens. Outras culturas atribuíam à morte a ausência do conhecimento suficiente para

a manutenção da vida. Aryeh Kaplan, autor de inspiração cabalística, sustenta em seu livro *Imortalidade, Ressurreição e Idade do Universo: uma visão cabalística*. São Paulo: Sefer, 2003, pp. 35-46, que: "Com o rápido progresso na descoberta das causas do envelhecimento e morte, a ciência está hoje à beira de eliminar estas fraquezas, que até agora têm sido consideradas partes inevitáveis do ciclo de vida humano". Esperança inócua a de que a ciência possa vencer a morte.

**5. Pode a ciência induzir a um estado de animação, estando suspensa a vida?** Literalmente não! Animação é vida, como mantê-la estando suspensa a vida? Se se induz um estado de animação, há vida, seja em qualquer grau clínico. Mark B. Roth e Todd G. Nystul afirmam em *Scientific American*, Ano 4 - N° 38 de Julho de 2005, pp. 36-43 *que é possível que o H2S seja um regulador natural de energia celular, com potencial para induzir um estado protetor de animação suspensa em humanos*. O que significa isso? Significa que a ciência busca um modo de poder paralisar temporariamente o organismo humano para proteger feridos em estado crítico ou preservar órgãos para doação. Mas, a ciência não pode fazer isso, ou seja, induzir um estado de animação após a morte, na medida em que preserva os órgãos vitais para doação, implante, pois conseguir fazer isso se deve ao fato de ainda não haver morte em sentido pleno, senão tomada em sentido clínico e equívoco. *Não seria homicídio se com a retirada dos órgãos se cesse de vez com a vida de um corpo que apenas clinicamente é definido como estando morto? Só se consegue manter a integridade da vida orgânica se o todo orgânico estiver vivo. Parte ou órgão deste todo manifestará a viabilidade de transplante se for mantido no todo com vida. Portanto, é incoerente falar de morte clínica enquanto há manutenção e conservação de órgãos para possível retirada e posterior transplante. O que há são corpos vivos, mas que clinicamente são dados como mortos, pois para ser morte clínica basta a inoperatividade cerebral. Neste caso não há ainda a morte de fato, pois não raro em alguns países, o 'pseudo cadáver' deve ser anestesiado antes da retirada de órgãos para transplante. Mas porque anestésiar alguém que já foi considerado clinicamente morto? [Quando a vida termina', em *Super Interessante*, Edição 221 - Dezembro de 2005, p. 52]*

**6. A ciência ignora o instante exato da morte:** A vida começa num instante em que a ciência não sabe precisar e termina num outro que desconhece plenamente, apenas confere a privação do seu efeito no corpo. Conhecemos os efeitos do início da vida, mas desconhecemos o exato momento em que ela começa. Este indivisível do tempo - que é o instante inicial - é intransponível e imensurável. Do mesmo modo, não se conhece o exato momento da morte, senão somente os seus efeitos no corpo. Por que desconhecemos o instante

inicial da vida e da morte? Os clássicos do pensamento não duvidaram em subordinar a origem e o término da vida à vontade de Deus. Não seria por esta razão a impossibilidade de conhecer o exato momento do seu início e do seu término? Pois se fosse possível conhecer tal instante, conheceríamos simultaneamente a vontade de Deus. Ora, isso nos faria deuses e, neste caso, Deus já não seria efetivamente único e, por conseguinte, deveríamos seguir buscando um que fosse único. De tudo o visto, se a ciência sequer conhece o instante inicial e terminal da vida no corpo, como ela poderá sanar a vida da morte, da dor e do sofrimento? Esperança infundada, pois a ciência não pode dar solução aos mistérios que transcendem a razão.

**7. A morte desde uma visão da filosofia cristã:** O homem é realidade dual [não dualista], se compõem de corpo e alma, duas substâncias incompletas em si mesmas, que só se completam quando unidas. A morte originalmente não é substancial, mas se lhe adveio acidentalmente como privação de algum bem. A morte é, pois, a corrupção do corpo que causa a separação da alma. Neste sentido, *a morte é no homem e não do homem*. E porque a morte não é natural à natureza humana, talvez resida nisso o fato de nossa consciência relutar contra a morte. Ela confere a percepção de que a natureza não deseja morrer pois adverte a consciência a ânsia de eternidade.

**8. O que é morte e como ela difere da simples corrupção?** A primeira evidência, atestada de forma inequívoca pela experiência, é a seguinte: todo corpo físico está ordenado à corrupção, por causa da corruptibilidade da matéria. Mas há corpos que apenas se corrompem, sem perder a vida, e há os que, além de se corromperem, perdem-na — e a sua destruição é muito mais do que uma simples corrupção da matéria. Por isso, as pedras não morrem, mas se corrompem pela erosão, enquanto as plantas não simplesmente se corrompem, mas morrem, porque perdem a sua vida com a corrupção da matéria. Eis, então, a segunda evidência que destacamos: todo ser biológico, além de se corromper, morre, pois a corrupção do seu corpo significa a perda da vida, enquanto autonomia de movimento.

**9. Os corpos vivos morrem e os não vivos se corrompem:** Por isso, os corpos vivos, mais do que a simples corrupção, sofrem a morte, que não é apenas a destruição da matéria, e sim o cessar da vida na matéria. Mas, como dissemos acima, o homem sofre mais com a morte, pois dela tem consciência, do que os demais seres vivos que se corrompem. É certo que se pode dizer com propriedade que os animais morrem, pois com a morte ocorre o fim do ser e da vida deles. A clonagem de um animal, a partir das células do que

morreu, não gera uma nova vida, senão que dá continuidade à do que morreu, pois a vida dos animais se reduz à complexidade da sua genética. Mas com relação ao homem, no horizonte tomista, é conseqüente deduzir que só analogamente podemos aplicar à natureza humana o conceito de morte, pois, no seu caso, a morte não significa o fim do seu ser e da sua vida, mas apenas o fim do ser e da vida no corpo, e isso por causa da corrupção da matéria, que por sua vez decorreu da corrupção do espírito, que é vida do corpo. De fato, a alma humana dá o ser e a vida ao corpo, por isso com a morte é o corpo que perde o ser e a vida, os quais permanecem com a alma, ainda que de modo incompleto. Por isso, será impróprio dizer que o homem morre e só equivocadamente o diremos, pois a sua morte não é substancial, mas accidental, ou seja: algo que não é do ser da substância, mas lhe advém como privação de algum bem nela. Além do mais, a morte não estava originalmente destinada por Deus ao homem, embora fosse natural a corrupção do corpo, patente na realidade humana. Enfim, com isso não se nega o fato da morte e sim o fato de que tenhamos sido criados para morrer.

**10. O que é o homem?** A partir da perspectiva dos escolásticos, como vimos acima, o homem é visto como uma realidade dual (não dualista), composto de corpo e alma — duas substâncias incompletas em si mesmas e que só se completam quando unidas. O homem, pelo lado do corpo, que é matéria geneticamente herdada, é corruptível, mas só equivocadamente tal corrupção receberá o nome de morte, pois ao contrário dos animais irracionais, cuja alma se corrompe juntamente com o corpo, no caso humano o corpo que se corrompe não é a própria vida, mas o que sustenta a vida. Portanto, pelo lado da alma humana — que é de origem e de natureza espiritual —, o nome morte apenas deve ser aplicado de modo accidental e em sentido equívoco, porque não é da natureza da alma intelectual corromper-se e morrer, já que sendo espírito é incorruptível e imortal. E porque pelo espírito se define a natureza humana, toda ela é chamada substancial e integralmente à incorruptibilidade e a imortalidade. *A morte é, pois, a corrupção do corpo que causa a separação da alma. Como dissemos, a morte é no homem e não do homem.*

**11. Conclusão:** Se só no espírito se forja a consciência de que a morte não é um mal natural, somente pelo mesmo espírito se buscará uma explicação acerca de como a morte entrou na natureza humana. Não foi o corpo que “imaneceu” e impôs o inevitável princípio de corruptibilidade à natureza humana, causando-lhe a morte, mas foi o espírito que, de algum modo, ou, por alguma razão, não transcendeu, ou seja: deixou de comunicar a lei da incorruptibilidade e imortalidade à natureza humana. Ora, o espírito é a



perfeição da natureza humana. O corpo, que inclusive depende da perfeição que lhe confere o espírito para ser o que é, e em suma, subsistir, sofre a consequência do pecado do espírito, de acordo com a doutrina cristã. A morte “cai” sobre o corpo, advindo de alguma imperfeição do espírito.